

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DE NOVOS CAMPI UNIVERSITÁRIOS NOS ESPAÇOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS.

SESSÃO TEMÁTICA: "O campo de pesquisa sobre os espaços universitários no
Brasil: abordagens atuais e perspectivas de análise".

Calderari, Elaine Saraiva
Universidade de São Paulo e Universidade Federal de Uberlândia
elainesc.ufu@gmail.com

REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DE NOVOS CAMPI UNIVERSITÁRIOS NOS ESPAÇOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS.

RESUMO

Este trabalho busca uma investigação das relações entre as cidades, as Universidades e a Sociedade ao longo da história urbana, observado por meio de episódios e fatos marcantes para análise das relações e conflitos presentes em vários momentos históricos na estruturação das cidades e dos espaços universitários, onde suas estruturas em muitos casos foram (e são) determinantes no direcionamento dos vetores de crescimento e desenvolvimento; principalmente quando associados às mudanças físicas, econômicas, ambientais e sociais nos territórios. Busca identificar processos de rupturas e descontinuidades nas relações entre a Cidade (Sociedade) e a Universidade (Campus Universitário), onde suas inserções no tecido urbano promoveram processos de segregação e/ou fragmentação, transformando-os em diversos casos, em grandes enclaves urbanos¹ (sendo utilizados também outros conceitos como guetos urbanos ou cidades dentro de cidades ou microcosmos urbanos, entre outros citados ao longo do trabalho). O trabalho é uma investigação nos momentos de rupturas e (des) continuidades deste equipamento com a cidade e a sociedade, considerando como foco principal o papel social da Universidade no espaço urbano e as potencialidades e/ou contradições na incorporação de ideologias e discursos, entre a teoria e a prática (concepções ou utopias?) na aplicação de “modelos” e propostas em seus desenhos urbanos. Desta forma busca estabelecer a construção de reflexões sobre o papel dos espaços universitários seja em suas estruturas e/ou instalações físicas ou seus formatos de campi universitários de uso público como equipamentos urbanos estratégicos e suas interfaces com a produção do espaço urbano contemporâneo.

Palavras-chave: Campus universitário; cidade universitária; Universidade; desenho urbano e espaço urbano contemporâneo.

REFLECTIONS ON THE FUNCTIONS OF THE NEW CAMPI UNIVERSITY IN CONTEMPORARY URBAN SPACES.

ABSTRACT

This work seeks an investigation of the relationships between cities, universities and society along the urban history, seen through episodes and milestones for analysis of relationships and conflicts present in various historical moments in the structuring of cities and university spaces, where its structures in many cases were (and are) determining the direction of the growth drivers and development; especially when associated with physical, economic, environmental and social changes in the territories. Seeks to identify processes of breaks and discontinuities in the relations between the City (Society) and the University (University Campus), where their insertion in the urban fabric promoted segregation processes and / or fragmentation, turning them into several cases in large urban enclaves (also being used other concepts such as urban ghettos or cities within cities or urban microcosms, among others mentioned throughout the work). The work is an investigation at times breaks and (dis) continuities of this equipment with the city and society, considering the main focus the social role of the University in the urban space and the potential and / or contradictions in the incorporation of ideologies and discourses between theory and practice (concepts or utopias?) in the application of "models" and proposals in their urban designs. Thus seeks to establish the construction of reflections on the role of university spaces is in their structures and / or facilities or their college campuses formats for public use as strategic urban infrastructure and their interfaces with the production of contemporary urban space. **Keywords :** University campus ; University City; University; urban design and contemporary urban space

¹ É importante destacar que conforme apontado por Salgueiro (1998, p. 41) que “define o enclave não é tanto a sua dimensão, pequena, mas o tipo de relação (a existência de não relações) com os tecidos que o cerca”.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho se propõe a estabelecer como foco a **CIDADE** e sua interface com a **UNIVERSIDADE** e seus procedimentos de CONTINUIDADE E RUPTURA, com a identificação do processo histórico-urbano de formação dos campi universitários, averiguando a relação destes com a evolução das cidades e sua interação com os espaços públicos. A ideia é analisar o ordenamento territorial das universidades no território como parte da origem e da evolução das cidades, verificando a incorporação dos ideais e concepções (conceitos) e das formas que remetem às teorias urbanísticas, as dissociações entre a teoria e prática, apontando as interferências envolvidas (políticas, econômicas e sociais), os atores e agentes, entre outros, desse processo, analisando as dimensões socioespaciais atuantes em cada período.

Ao longo da história urbana, a universidade (e suas estruturas e instalações físicas)² passou por modificações e transformações, principalmente com relação ao seu papel na cidade e na sociedade, assumindo posições algumas vezes políticas, econômicas, culturais e sociais, estando estas ora sobrepostas, ora intercaladas, demonstrando um posicionamento em alguns períodos que contradiz seus conceitos e origem. No entanto, alguns aspectos da universidade se mantiveram constantes em todos os períodos, como sua influência físico-espacial ou as alterações das dinâmicas socioespaciais no território no qual são inseridas.

O objetivo deste trabalho é apresentar a formação e estruturação dos campi universitários em sua trajetória urbana. Busca-se identificar as principais conceituações e ideologias teórico-práticas que deram origem à tipologia de campus universitário (ou cidade universitária), como também apresentar os processos que culminaram nas concepções projetuais adotadas e nos desdobramentos em sua construção.

Além disso, a ideia é identificar nos processos de ordenamento territorial dos campi universitários sua relação com a evolução das cidades e com a sociedade por meio da investigação de fatos ou episódios que possam ter levado a processos de (des)continuidade e à ruptura desses equipamentos com o espaço urbano, dando ênfase aos casos latino-americanos.

CONTINUIDADES

² Nesta parte, ainda é utilizada a terminologia universidade e não campus universitário, por entender que esse conceito seria introduzido ao longo da história urbana apenas no final da Idade Média, e abordado neste trabalho apenas a partir do 2º período analisado neste capítulo. Além disso, entende-se que o campus universitário é o elemento físico da universidade, tendo sido analisados outros aspectos políticos, econômicos, ideológicos, sociais, entre outros, referindo-se à universidade como um todo e não apenas à sua expressão física.

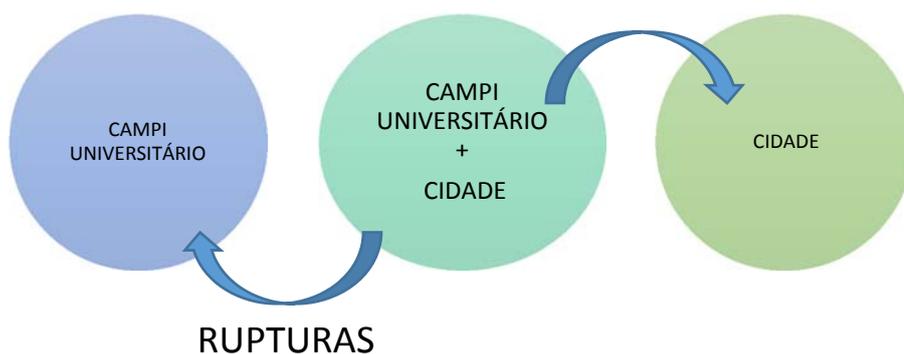


FIGURA 1 | CONTINUIDADES E RUPTURAS. Fonte: Autora.

Desta forma são identificados três períodos históricos³ com o objetivo de fazer uma sistematização das informações coletadas, apontando fatos e episódios significativos que marcaram a inserção da universidade no espaço urbano. No primeiro período, investigam-se as relações entre a cidade e a universidade, identificando sua gênese e formação baseada em uma ocupação dispersa e pulverizada de suas estruturas e instalações físicas a partir da Idade Média, como parte integrante da malha urbana e sob a apreensão da sociedade, sendo a Universidade considerada um equipamento social⁴ para a cidade.

O segundo período abarca a formação dos campi universitários e sua relação com a cidade em estruturas concentradas em um único local e afastadas da vida urbana, sob o discurso da necessidade de isolamento para a adequada implantação de suas instalações e de suas atividades, mas principalmente da criação de uma identidade de representação físico-espacial, econômica e política, em que o desenvolvimento e a produção do conhecimento são vistos de forma dissociada das atividades cotidianas da cidade.

Já no terceiro período há a inserção do conceito de cidade universitária⁵ e sua relação com a cidade, tomando-se como recorte apenas os contextos latino-americanos, em que houve a promoção de transformações relevantes na sua relação com a sociedade, tendo suas estruturas sido estabelecidas sob fortes discursos políticos progressistas e/ou autoritários, culminando no fato de que sua presença se transformou (ou houve a tentativa de a transformar) em símbolo de progresso e desenvolvimento para diversos países latino-americanos.

³ É importante lembrar que a historiografia de formação e estruturação dos campi universitários apresenta inúmeras hipóteses em contextos diferenciados, principalmente quando comparamos os contextos europeus, americanos, latino-americanos, asiáticos, entre outros. No entanto, esta já é uma produção bibliográfica bem encontrada e disponível para consulta e, portanto não será o foco deste trabalho, sendo que, neste momento, busca-se a investigação apenas de fatos e episódios que auxiliem na construção de argumentos sobre o tema e a hipótese proposta.

⁴ Como uma prática do saber e de uma vocação voltados ao exercício de um trabalho com uma função específica para o funcionamento da cidade (MUMFORD, 1998, p. 300).

⁵ Essa terminologia é utilizada na historiografia, no entanto diversos autores defendem que a cidade universitária, sob seus conceitos ideológicos originais, de fato nunca aconteceu, principalmente no Brasil.

A metodologia utilizada foi baseada em uma ampla revisão de diversas referências bibliográficas e na escolha de casos/experiências que pudessem exemplificar, em sua aplicação prática, os temas abordados e analisados ao longo do trabalho. É importante destacar que não se pretendeu uma análise detalhada de cada caso e, sim, um breve relato com o objetivo de apontar os fatos significativos para as definições e decisões que promoveram a materialização dos conceitos adotados e que culminaram em processos e na produção de continuidades e/ou rupturas em cada período que demonstram a dualidade entre a ideologia e sua implementação ou entre os discursos e as práticas.

2. PRIMEIRO PERÍODO | ORIGEM E FORMAÇÃO – CIDADE E UNIVERSIDADE.

Historicamente, as *Universidades nasceram urbanas*⁶, ou seja, dentro das cidades, sendo caracterizadas pela concentração e centralidade, com estruturas e instalações físicas inseridas como parte integrante do tecido urbano (BUFFA; PINTO, 2009, p. 28-34).

O primeiro período citado neste trabalho refere-se à sua gênese na Idade Média, com a identificação de sua função principalmente associada às estruturas religiosas. De acordo com Rodrigues (1997, p. 94), inicialmente as estruturas de ensino ocupavam os espaços de catedrais e monastérios e se organizavam como corporações até se tornarem *colleges*⁷ em anos posteriores .

O autor ressalta que na Idade Média as atividades, de uma forma geral, incluindo o ensino, não eram consideradas como trabalhos e sim como representativas de ofícios, em que o mestre determinava a escolha dos seus discípulos e repassava a estes os conhecimentos adquiridos. Nesse contexto, a cidade poderia ser considerada uma soma de corporações e, portanto, assumia uma forma de organização e de produção do conhecimento e não uma expressão física definida no território (RODRIGUES, 1997, p. 95- 97).

Assim, “a Universidade não apenas está na cidade, como é da cidade. É um ofício ligado tanto às novas formas de organização do conhecimento quanto à produção de novos conhecimentos”. Além disso, é importante destacar que as universidades receberam forte influência da Igreja, que não apenas cedia sua estrutura física, mas direcionava suas funções e ensinamentos como “disseminadoras da fé e da ordem cristã” (RODRIGUES, 1997, p. 95, 97).

⁶ Afirmação também defendida por Jacques Verger (1990) no seu livro *As universidades na Idade Média*.

⁷ De acordo com Rodrigues (1997, p. 94), o termo corporação tem relação com o número de pessoas que se reuniam com propósitos comuns e em sua origem não se refere aos prédios ou à estrutura física construída. Já os *colleges* surgiram na Inglaterra como internatos e posteriormente receberam atividades de nível superior.

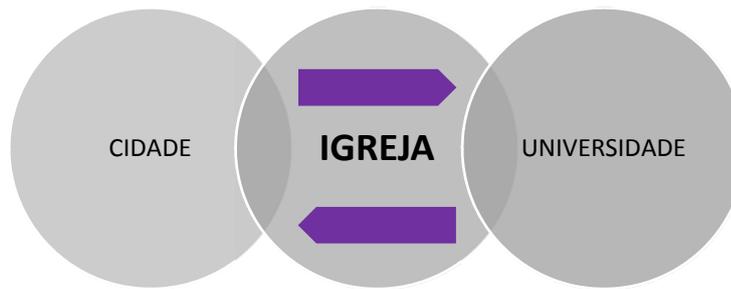


FIGURA 2 | A UNIVERSIDADE E A CIDADE: RELAÇÕES DE PODER DA IGREJA. Fonte: Autora.

Apenas a partir do século XV as universidades passaram a se estabelecer em edificações próprias, alugadas e/ou novas construções, marcando o início de um processo de separação entre a fé e a razão, além de criar uma identidade em sua estrutura, atuando como um símbolo e uma referência para a cidade (RODRIGUES, 1997, p. 94-97).

Desta forma, na Europa, até o século XIX, essa situação pode ser constatada em alguns exemplos, principalmente em realizações pioneiras, como a Universidade de Bolonha, criada em 1088, a Universidade de Paris, criada em 1150, e a Universidade de Oxford, criada em 1167 (ANDRADE apud BUFFA; PINTO, 2009, p. 9).

Para Buffa e Pinto (2009, p. 34), “o conjunto de escolas e a cidade não eram divididos por limites físicos que as separassem; o limite da escola [...] era seu próprio edifício e, ao redor a cidade fluía e crescia livremente”. Assim, podemos caracterizar a cidade e a universidade com funções integradas no tecido urbano, com sua estrutura e instalações inseridas dentro dos limites da malha urbana.

O modelo urbanístico adotado nas estruturas universitárias desse período pode ser compreendido “como surgimento enquanto possibilidade de produção do novo, por ser um lugar de troca, por estar na cidade, no coração da cidade, no diálogo com a rua e com a realidade urbana” (RODRIGUES, 1997, p.112).

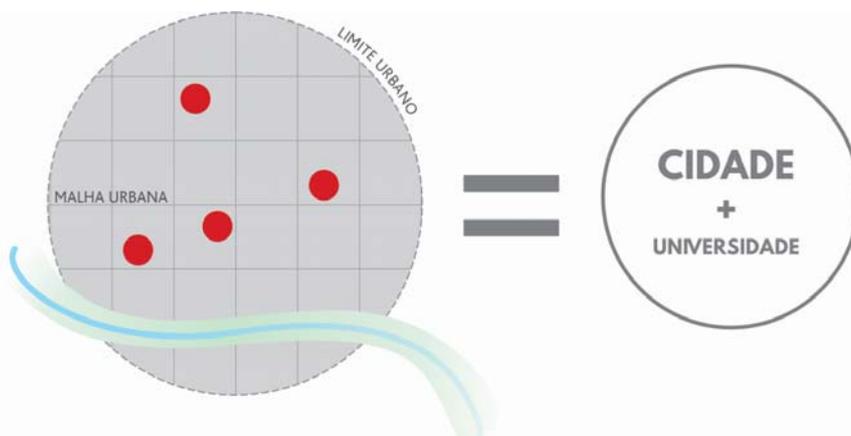


FIGURA 3 | FORMAÇÃO DAS ESTRUTURAS UNIVERSITÁRIAS NO TECIDO URBANO. Fonte: Autora.

Diante do exposto, como síntese desse período, é possível atestar que a universidade, em sua gênese, estava associada a um processo de ensinamentos de ofícios específicos que seriam necessários para o funcionamento da cidade⁸. Durante sua implementação, ela incorpora a escala urbana e monumental que passa a ter uma representação como existência física, com espaços definidos e limitados dentro do tecido urbano.

Outra característica importante é o início do rompimento ideológico (contrapondo fé e razão) entre a universidade e a Igreja, com o afastamento desta das decisões e definições de ensino, promovendo uma mudança significativa, não apenas ideológica, como também nas dimensões sociais, culturais e principalmente políticas que a universidade irá exercer futuramente, marcando o surgimento desta como uma instituição.

No caso de Bolonha, ainda é identificada a intenção de garantir as relações de convívio e compartilhamento de atividades com a cidade e seu entorno, seja na dimensão espacial, seja na social. E mesmo o caso de Coimbra, decorrente de uma aparente “eventualidade” (longo processo de definições e decisões da Universidade), foi suficiente para a construção de sua relação com a população e com as atividades cotidianas, influenciando de maneira significativa sua localização na cidade.

No entanto, a investigação dos modelos ingleses dos *colleges* em Oxford e suas formas “fechadas” demonstram algumas peculiaridades, em que se percebem alguns indícios ou o “protótipo” – como indicado por Mumford (1998) – do início de um processo de ruptura (principalmente na relação física e posteriormente social) da universidade com a cidade.

O caso de Oxford apresenta continuidades físicas por meio de estruturas inseridas e dispersas no espaço urbano e dentro do “limite” da cidade, mas nota-se que a criação do pátio interno do claustro, com a indução de espaços “exclusivos” para os estudantes, separados fisicamente da população, é um ponto importante a ser considerado e que irá influenciar de maneira significativa na definição de espaços urbanos com usos e funções específicos para atividades universitárias.

3. SEGUNDO PERÍODO | ESTRUTURAÇÃO E CRESCIMENTO – CIDADE E CAMPUS UNIVERSITÁRIO.

O segundo período identificado neste trabalho é marcado pela formação dos chamados campi universitários. No final da Idade Média, as universidades assumem outro caráter, pois começam a ser reconhecidas como equipamentos de prestígio e de interesse da

⁸ Mumford (1998, p. 301) destaca que a universidade possuía três das principais funções de uma cidade: “acumulação cultural, disseminação/intercâmbio e adição criadora”.

classe econômica em ascensão e passam a ser não somente uma criação da monarquia, como também são incentivadas por ela (RODRIGUES, 1997, p. 90-96).

Rodrigues (1997, p. 94) atesta que esse é o momento de rompimento das universidades com a fé em direção à razão. Para o autor, “sem querer ser demasiadamente reducionista, o que se observa nesta longa duração, do séc. XI ao XVI, são pontos de transição e ruptura, e permanências que deixam suas marcas até hoje”.

Esses pontos de transição e ruptura são marcados pela ascensão e pelo domínio do Estado nas universidades, que deixam de ser disseminadoras de conhecimento (ofícios), sendo transformadas estrategicamente em grandes potências políticas, representando um importante papel na organização territorial, principalmente “formando os ‘quadros’ necessários à sua burocracia, fortalecendo as representações da realeza” (RODRIGUES, 1997, p. 97).

Mumford (1998, p. 300-301) revela que, com o crescimento da nova economia capitalista, a universidade (*universitas*) passa a ser a única instituição que sobrevive fora da Igreja, de forma independente do mercado e da cidade. Para o autor, é “a única instituição que sobreviveu das velhas guildas e aumentou seu poder e influência: talvez a mais importante instituição isolada produzida pela cultura medieval”.



FIGURA 4 | A UNIVERSIDADE E A CIDADE: DIMINUIÇÃO DO PODER DA IGREJA E AUMENTO PODER DO ESTADO. Fonte: Autora.

Assim, observam-se mudanças nos processos organizacionais referentes às funções desse equipamento na sociedade que transitam por questões políticas e econômicas, principalmente em virtude da transformação das relações de poder e da inserção do papel controlador do Estado, como também dos processos ideológicos, com a definição de que o conhecimento passaria a ser científico e, portanto, completamente separado do ensino religioso (BUFFA; PINTO, 2009, p. 37-38).

Nesse período, é possível identificar o início de um processo de descontinuidade entre a cidade e a universidade (representada por seus espaços físicos), que apresenta espaços contíguos e concentrados, sendo que, em alguns casos, não necessariamente dentro da

malha urbana existente e sim em áreas de expansão, distantes do centro urbano, mas ainda inseridas dentro dos limites urbanos.

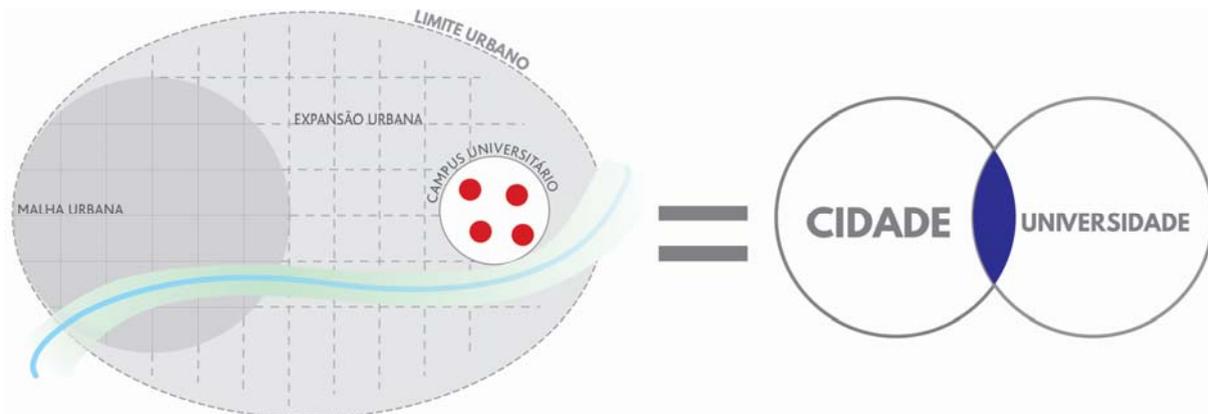


FIGURA 5 | PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS CAMPI UNIVERSITÁRIOS NA CIDADE. Fonte: Autora.

Andrade (apud BUFFA; PINTO, 2009, p. 9-10) afirma que nesse momento “a noção de campus universitário surge como um modo peculiar” nas universidades americanas e se difunde em âmbito internacional, principalmente nos contextos americanos e latino-americanos, como um equipamento símbolo de modernização e desenvolvimento das cidades.

Para o autor, a ideia de formação de um campus universitário busca levar o desenvolvimento ao campo, transformando-o na imagem de uma cidade, buscando uma “ideologia anti-urbana” sob forte influência do “ideário formal do *city beautiful* e seus traçados à maneira *beaux-arts*”, voltados para a incorporação do embelezamento e da grandeza monumental e para o uso de princípios arquitetônicos que prezam a simetria e harmonia do conjunto e que foram iniciados nos campi da Universidade de Virgínia, de Thomas Jefferson, criado em 1819, apresentado na Figura 59 e no campus de Olmsted, da Universidade de Berkeley, criado em 1868, nos Estados Unidos. (ANDRADE apud BUFFA; PINTO, 2009, p. 9-10).

Como síntese desse período, é importante destacar o rompimento da fé com a razão, com o domínio da ciência como ensino e pesquisa, além do fato de as decisões e definições agora serem atreladas diretamente ao Estado. Esse fato é relevante, pois marca o domínio das universidades pelo Estado, que passam a promover as estruturas físicas como **campi** universitários como uma representação, não apenas associada à promoção do ensinamento/conhecimento, mas também como símbolo de conquista e domínio na dimensão política e econômica.

Ainda é possível identificar a inserção da escala espacial (territorial) que delimita o espaço físico e a localização das universidades no território com uso e função de atividades

para um único fim, com a formação de espaços apenas para atividades universitárias. As universidades encontram-se distanciadas do centro urbano, havendo a aplicação dos conceitos de concentração e contiguidade de suas estruturas e instalações em um espaço único, composto por suas próprias leis e regras, com a busca de autossuficiência e independência da cidade existente. Busca-se uma clara intenção de rompimento não apenas físico, mas também com o espaço social.

Destaca-se também a inserção da escala bucólica numa tentativa de relacionar-se com a dimensão ambiental, com a construção de edificações pulverizadas em grandes áreas verdes e afastadas da cidade, como símbolo e demonstração do novo e/ou de renovação e de um idealismo da vida urbana, associado à aproximação do homem com natureza como forma de buscar qualidade de vida.

Outro aspecto importante é o início de um processo de padronização da composição projetual ou de um modelo de universidade em seu desenho urbano, com a adoção de eixos simétricos margeados pelas edificações, sendo considerado o eixo central um elemento definidor do traçado e em seus extremos posicionados os equipamentos coletivos (como biblioteca, praça, entre outros), que simbolizam o espaço de convívio e permanência e sua capacidade de relações culturais e sociais.

4. TERCEIRO PERÍODO | DESENVOLVIMENTO E EXPANSÃO – CIDADE E CIDADE UNIVERSITÁRIA.

O terceiro período de investigação neste trabalho é a inserção das estruturas universitárias no conceito denominado de cidades universitárias e que talvez seja o mais emblemático e um dos pontos relevantes neste trabalho, com destaque ao contexto latino-americano.

No período pós-2ª guerra, em busca de reconhecimento internacional, vários países latino-americanos, buscaram a modernização até o final dos anos 50, por meio da construção de um Estado atuante, com iniciativas vinculadas às ações diretamente incorporadas ao planejamento urbano, seja com incentivos ao crescimento/ desenvolvimento, ou mesmo, criação de novas regiões e/ou cidades (SEGAWA, 1999, p. 37).

Silva (2003, p. 3) identifica que a América, e em específico a América Latina foi o palco de concretização das propostas vanguardistas da modernidade, já que a Europa encontrava-se com outras prioridades, em decorrências das sucessivas grandes guerras, como também a posterior escassez de recursos financeiros e instabilidade econômica, além das necessidades de reconstruções das próprias cidades. O autor salienta que “na América Latina, pelo contrário, a modernidade entrou intensamente, para o bem ou para o mal [...] A

modernidade chegava tarde à América Latina, porém encontraria o território com possibilidades inimagináveis.” (SILVA, 2003, p. 3).

A cidade universitária se materializou neste contexto, como símbolo da urbanização na cidade e relacionada à busca dos conceitos de modernidade e desenvolvimento de recursos humanos aplicados diretamente na conformação espacial das cidades, ao buscar “condições de quietude e conforto para a disseminação do saber, mas trazendo em si um paradoxo: o de ficar afastado do convívio urbano, ou de ter esse convívio reduzido”, marcando o processo de rompimento da Universidade com a Cidade, com instalações físicas cada vez mais distantes e isoladas (RODRIGUES, 1997, p. 113).

O termo cidade universitária surge na intenção de inserção dos conceitos do urbanismo moderno, da integração da arquitetura, urbanismo e arte, ou como indicado por Barrios (2012, p. 1), a cidade universitária é a materialização “da ideologia da modernidade no seu processo projetual”. Para Segawa (1999, p.46), “assim como os núcleos urbanos coloniais latino-americanos constituíram a aplicação das teorias das cidades ideias do renascimento, as cidades universitárias de meados do século XX foram campos experimentais do urbanismo moderno, das doutrinas do CIAM e do planejamento norte-americano”.

Do ponto de vista urbanístico, o modelo de cidade universitária e o modelo de campus universitário são similares, já que “em ambos os que se vê é o privilégio da estrutura arquitetônica em relação às pessoas (privilégio do automóvel, função ligada principalmente à forma) e em especial à forte separação entre os espaços da universidade e os demais espaços da cidade em si.” (RODRIGUES, 1997, p. 18-19).

As cidades universitárias latino-americanas buscaram consolidar as bases de um Estado, há serviço da população, assumindo os avanços artísticos, culturais, técnicos e científicos, que também deviam se manifestar na criação de uma identidade e a consolidação do nacionalismo. E marca a adoção de um modelo de implantação de campi universitários, “isolados e dispersos em edificações espalhadas no coração da cidade, num único lugar afastado do núcleo urbano tradicional, num processo de agrupamentos de escolas, serviços e alojamentos.” (SEGAWA, 1999, p. 39). Modelo este que fica ainda mais claro, principalmente quando nos aproximamos dos casos brasileiros.

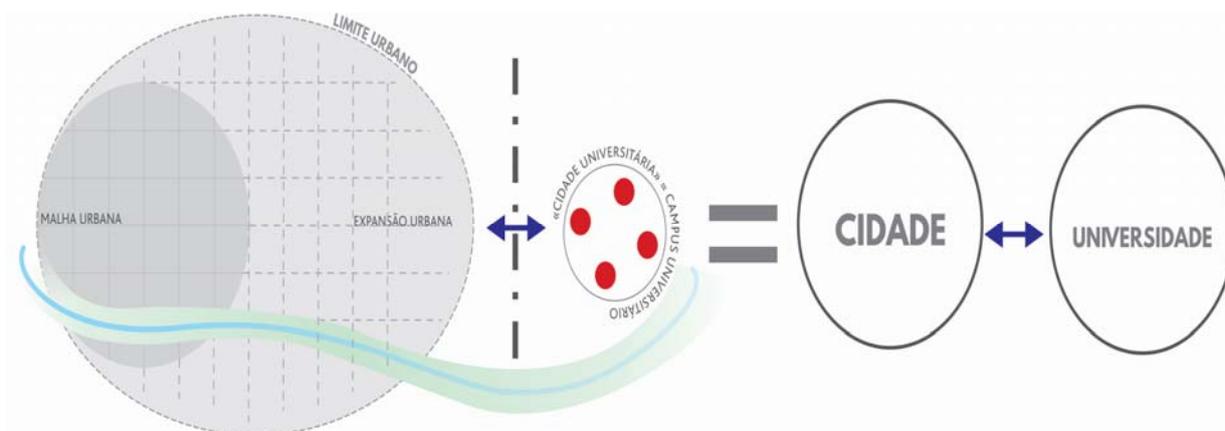


FIGURA 6 | DISTANCIAMENTO (ROMPIMENTO) DOS CAMPI UNIVERSITÁRIOS COM A CIDADE, E INCORPORAÇÃO DOS IDEÁRIOS DA CIDADE UNIVERSITÁRIA E CONCEITOS MODERNISTAS. Fonte: Autora.

Neste período, pode ser citados exemplos como a Universidade de Concepción, no Chile; a Universidade Nacional de Caracas, na Venezuela; a Universidade do México e os casos brasileiros mais representativos do período: Universidade do Brasil (UFRJ) e a Universidade de Brasília (UNB).

Esse período é referente aos contextos latino-americanos, com a aplicação do modelo modernista iniciado nos Estados Unidos, representando a síntese e a experimentação do urbanismo moderno, com a transferência de concepções/conceitos que surgiram para a concretização de uma cidade ideal (funcional), aplicados e concentrados nas chamadas cidades uinversitárias.

A arquitetura e o urbanismo se transformam na materialização de símbolos e na criação de identidades nacionais, em que as instalações universitárias passam a ser vistas como a consolidação das bases políticas do Estado, o que se justifica pela necessidade de modernização de cada país. Além disso, a ascensão da universidade nesses países envolve a necessidade de formação de um quadro com técnicos e profissionais qualificados para seu crescimento e desenvolvimento.

E o que se observa ao se analisar a composição de cada projeto são repetições e analogias de conceitos gerais em todos os exemplos citados, com a formação de uma estrutura autossuficiente e extremamente funcional. Essa estrutura, baseada no uso de eixos de pedestres e veículos, ora separados, ora compartilhados, estabelece o traçado urbano e é rodeada por edificações setorizadas (zoneamento) em áreas de conhecimento.

Define-se um eixo central que passa a receber um elemento de socialização dos usuários, em grande parte dos exemplos em composição com uma área livre, denominada de praça, onde são posicionados os equipamentos coletivos como biblioteca, reitoria, entre outros.

Todo o complexo é pensado como uma estrutura autossuficiente claramente visível, com as poucas referências e/ou indicações de conexões e articulações externas, em sua grande maioria estando afastado do centro urbano, como novos polos de crescimento e desenvolvimento da cidade.

Tal situação é nitidamente percebida quando se estabelece um paralelo com a situação desses campi na atualidade. Sua separação física da cidade ocorreu de tal forma que suas conexões são extremamente complexas, tornando-se territórios isolados e fragmentados da vida urbana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou entender o surgimento e a estruturação dos conceitos de campus universitário e das cidades universitárias no território. A relação entre métodos e ideologias adotados, sob os contextos políticos e econômicos, com diversos fatos e episódios ocorridos ao longo da história urbana, e a sistematização em três períodos buscou uma organização metodológica para a exemplificação dos temas abordados durante o trabalho, para que estes pudessem ser compreendidos de forma clara e objetiva.

Como pode ser observado ao longo do texto, ainda se encontram lacunas e a necessidade de busca de novos dados e literaturas para complementações. No entanto, já é possível identificar fatos e episódios que promoveram o rompimento desse equipamento público com a cidade e a sociedade.

O que pode ser observado em todos os períodos como questão principal é o uso de escalas com funções urbanas diferenciadas, como:

- escala urbana: marca sua existência física e de espaço definido e limitado na cidade;
- escala monumental: marca o uso das edificações e dos espaços universitários com dimensões e escalas diferenciadas, como elementos visualmente em destaque;
- escala espacial: delimita seu espaço e locação no território com uso e funções de atividades com um único fim;
- escala bucólica: marca a reaproximação do homem com a natureza, em uma síntese de qualidade de vida;
- escala funcional: marca a setorização e o zoneamento de tipologias de uso e ocupação de forma concentrada;
- escala simbólica: marca a atuação representativa de uma ação política e a demonstração de poder.

Na Figura 7 foram destacadas as principais questões tratadas em cada período e os conceitos aplicados na elaboração dos projetos e suas principais relações com a cidade e consequências para ela e a sociedade, buscando-se identificar as dimensões socioespaciais atuantes em cada período.

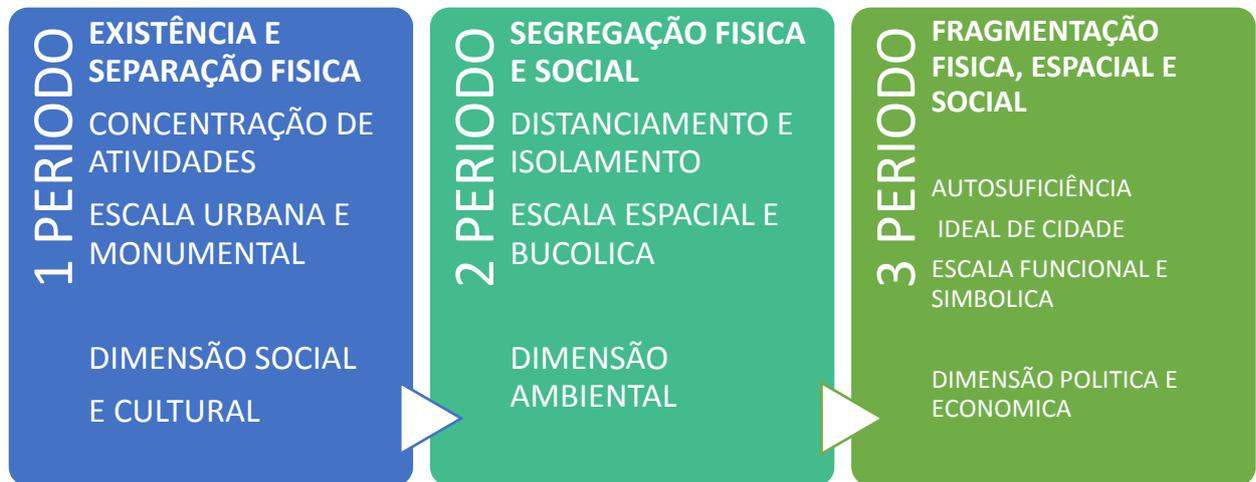


FIGURA 7 | ESQUEMA SÍNTESE - PERÍODOS ESTUDADOS. Fonte: Autora.

Já na Figura 8 foi definido um esquema síntese das relações do homem com o campo e a cidades, mostrando em todos os períodos os modelos de espaços universitários que foram utilizados e as oscilações entre esses 3 elementos: cidade-homem-campo e suas forças de atuação nas ideologias e conceituações de cada tipologia (modelo).

É possível identificar que no primeiro período, as estruturas universitárias passam a ser consideradas como elementos físicos de integração entre o homem e a cidade, já no segundo período essa integração é transplantada para a potencialização das relações do homem com o campo, com o surgimento dos campi universitários. O terceiro período, com a formação das cidades universitárias intensifica as relações do homem-campo e inseri em seus espaços todas as estruturas universitárias de forma concentrada e autossuficiente de forma completamente fragmentada da cidade, rompendo os elos que ainda existiam ou poderiam existir.

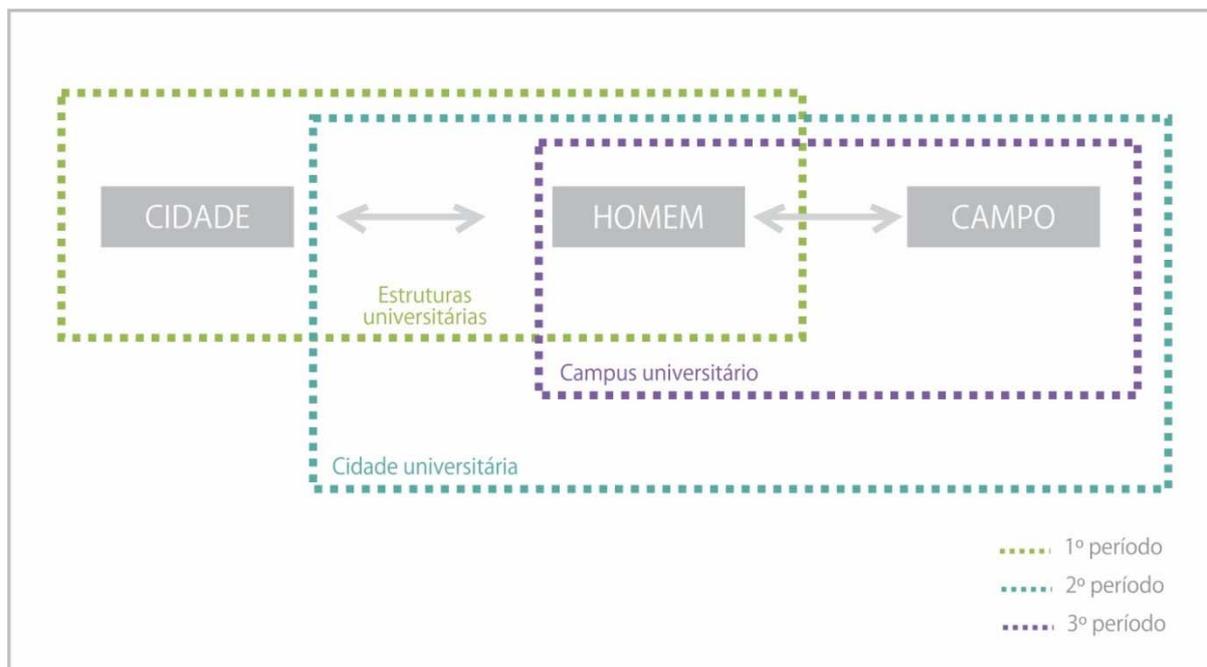


FIGURA 8 | ESQUEMA SÍNTESE - RELAÇÕES ENTRE O HOMEM-CIDADE-CAMPO E OS ESPAÇOS UNIVERSITÁRIOS. Fonte: Autora.

A partir de 2002⁹, por meio do atendimento de demandas específicas e, de fato, a partir de 2007¹⁰, pensado como uma ação estratégica para o desenvolvimento do país surge um novo episódio na história brasileira concernente à inserção de campi universitários, com a adoção do programa de expansão do ensino superior com o objetivo de interiorização e consolidação das universidades públicas federais, denominado Reuni, que promoveu a criação de 14 novas universidades e de mais de 100 novos campi, além da reestruturação dos campi existentes, totalizando 321 campi universitários de universidades federais localizadas em 275 municípios¹¹, conforme apresentado na Figura 28 (BRASIL, 2012).

Todavia, diferentemente das décadas de 20 a 80, a implantação de novos campi enfrenta questionamentos, reflexões e desafios, por estarem estes inseridos nos tecidos urbanos das cidades contemporâneas e compartilharem os efeitos e aspectos das novas formas de produção da cidade e dos novos agentes da conformação espacial dos territórios, principalmente no que se refere à atuação do mercado sob as ações políticas.

A atuação da universidade (campus universitário) na sociedade (cidade) contemporânea se depara com um novo agente norteador da conformação espacial no

⁹ No site oficial do programa Reuni é indicado o ano de 2003. No entanto, por sugestão do Prof.Dr. Ricardo Siloto, que participou da elaboração das Diretrizes, o ano correto é 2002.

¹⁰ Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, que institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – Reuni.

¹¹ Vale ressaltar que esse número se refere apenas às Universidades Federais, sem contabilizar os Institutos Federais (alguns possuem ensino superior, inclusive pós-graduação), tendo sido 321 campi universitários de Universidades Federais localizados em 275 municípios, que serão mencionados posteriormente e não foram identificados no texto por não ser este o foco do trabalho. No entanto, tal fato é relevante para a demonstração da abrangência e da dimensão do programa Reuni no Brasil. (BRASIL, 2012, 2014).

espaço urbano contemporâneo, o mercado, apontando problematizações e tendências do tema, estabelecendo reflexões sobre o papel do campus universitário (como também da instituição pública) e suas possíveis relações com a cidade, a sociedade e os espaços públicos e de domínio público.

E estabelece uma série de problematizações e tendências na implantação dos novos campi capazes de estabelecer uma base teórico-prática com os principais conceitos abordados na contemporaneidade.

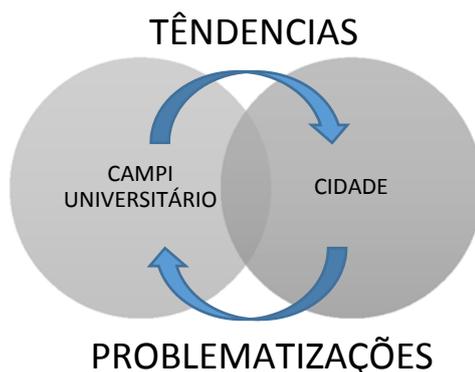


FIGURA 9 | TENDÊNCIAS E PROBLEMATIZAÇÕES. Fonte: Autora.

De acordo com Silva, se, na sua origem, a universidade estava à sombra das tensões e contradições da Igreja e do Estado, atualmente “temos que falar do mercado, e não da Universidade à sombra do mercado, mas de uma Universidade inserida no mercado.” (SILVA, 2005, p. 90).

Para o autor, o mercado domina não apenas a universidade, mas aspectos das relações humanas que envolvem sua inserção no espaço urbano. Ele aponta que, nos países europeus, esse processo pode ser mais contido e ainda vem sofrendo certa resistência. Mas, no caso dos países periféricos, como a questão social, de fato, ainda apresenta dificuldades em ser assumida, passa por um acelerado processo de submissão ao mercado, em que a educação passa a ser vista também como um bem de consumo. Silva afirma que “a explicitação dessa inserção varia conforme a tradição da universidade de cada país, e assim também o ritmo em que o mercado incorpora a instituição universitária, que está ainda em função do ritmo em que absorve todas as outras instituições, devorando o espaço público.” (SILVA, 2005, p. 90).

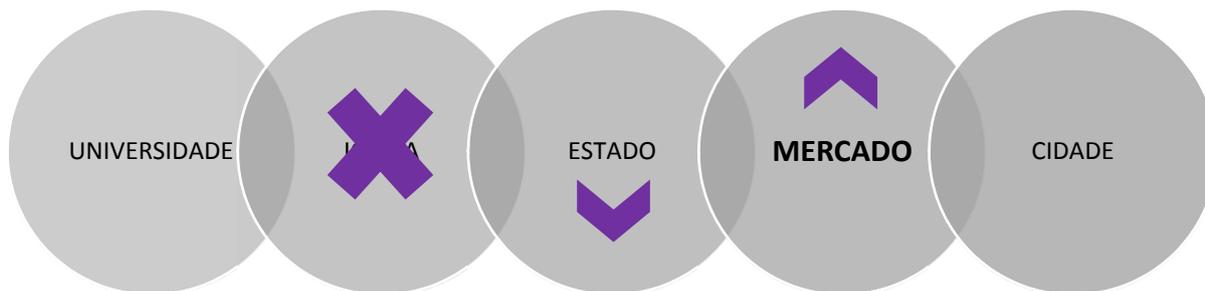


FIGURA 10 | A UNIVERSIDADE E A CIDADE: O AUMENTO DE INFLUÊNCIA DO MERCADO.
Fonte: Autora.

Do mesmo modo, a implantação de uma universidade em qualquer cidade promove impactos sociais, culturais e principalmente econômicos significativos, sendo esta considerada um “atrativo” desejado por todo o governo e a população. Para Nascimento Júnior (2006, p. 163),

A instalação das [Instituições de Ensino Superior - IES] tende a proporcionar impactos sociais e econômicos significativos aos lugares que lhe recebem ao possibilitar a geração de emprego, o aumento da arrecadação do município, a dinamização da economia local, etc. (BOVO, 2003). Assim, a fixação desse recurso local pode ser considerada como uma estratégia do poder local vistas as possibilidades criadas com a presença dessas instituições.

Todavia, sua implantação também promove significativas transformações urbanas com a penetração do capital em novas esferas de atividade, estimulando a “modernização (tecnológica) e maior ‘integração’ do território” principalmente utilizando esse equipamento como âncora para a expansão territorial (AMORIN, 2014, p. 5; SOARES, 2013).

Essa expansão, associada à “criação de novos desejos e novas necessidades”, promove novas relações e “ampliações nos padrões do consumo” e, ainda, “mudanças nos hábitos dos consumidores”, com o surgimento de “novos produtos” urbanos (AMORIN, 2014, p. 4).

Desta forma, a implantação dos campi universitários passa a ser também indutora de novos vetores de crescimento e desenvolvimento, sendo rodeada por “novos produtos”, como loteamentos fechamentos, shoppings centers, centros de negócios e outros produtos exclusivamente privados, acelerando os processos de segregação físico-espacial já presentes em sua própria conformação espacial (fechada e isolada), transformando-se em uma verdadeira “ilha urbana”.

Além disso, quando não ocorre a inserção direta de novos produtos, a valorização da terra de forma exagerada, seja pelo seu valor ou pelo dos imóveis e aluguéis no entorno, já é um forte indício de alteração nas dinâmicas existentes, isso quando não ocorrem processos de gentrificação, com a movimentação da população para lugares cada vez mais distantes (até mais que o próprio campus).

Assim se, nas décadas de 20 a 80, vivemos a ideologia da universidade ideal sob os moldes modernistas, o que representa a universidade nos espaços urbanos contemporâneos?

Os 3 períodos históricos de gênese e estruturação das Universidades, são representadas por expressões ora funcionais, de ofícios e ensino de uma profissão e ora como, expressão físicas de implantação e delimitação de espaço na cidade. Buscou-se analisar as relações do homem com as dualidades em questão, entre o campo e a cidade ou a natureza e a obra, tentando identificar como os espaços universitários foram estruturados entre as dicotomias.

Desta forma, se no primeiro período houve uma forte relação entre o homem e a cidade medieval com a formação das estruturas universitárias. Ao longo da histórica, com a criação dos campi universitários é promovido uma ação invertida, reaproximando o homem ao campo e a natureza como essencial para promoção de um aprendizado adequado. No terceiro período, buscou-se uma aproximação entre as estruturas (espaços universitários) e os campi universitários, por meio do distanciamento físico e rompimento de elos com a cidade, promovendo a criação de suas próprias cidades.

O que pode ser verificado de fato, é que o urbanismo (disciplina e projeto) foi visto como uma ideologia, doutrina ou técnica, principalmente com os princípios modernistas, por meio da adoção de modelos, ou de um modelo, padronizados e limitados, a serem replicados em vários contextos ou países diferenciados como um carimbo de conceitos e idealizações, independente de seus atores e agentes, localizações e formas de atuação, sendo essa situação visível principalmente em suas composições projetuais.

A incorporação dos princípios funcionalistas e racionalistas como símbolos de progresso e modernização, incentivados pelo próprio Estado e como uma ação institucional distanciou de maneira significativa a teoria da prática, ou seja, o que se tentou induzir pela teoria da organização e criação de espaços funcionais, na prática promoveu amplos processos de segregação e fragmentação entre a Universidade e a sociedade, que até hoje tentam ser revertidos, sem grandes sucessos.

Ao decorrer do trabalho ainda foi possível verificar os fatos e episódios que marcam as discontinuidades sejam urbanas, referente às funções/atividades e tecidos urbanos; políticas, referente a falta de continuidades entre gestões; sociais, referente ao distanciamento

da população nesse equipamento urbano; ambientais, referente a modificação da natureza para atender interesses; econômicos, entre outros.

Enfim algumas questões permeiam os desdobramentos deste trabalho: Os novos campi universitários, ao serem implantados, de fato conseguiram alcançar o tão desejado modelo progressista ou isso seria apenas um “velho e repetitivo” discurso com uma reprodução de modelos sem superação? Eles poderiam ser considerados “exemplos” de desenhos urbanos para a sociedade? Seriam novas concepções urbanas ou apenas novas utopias projetuais? Até que ponto eles poderiam promover uma significativa mudança? Essa mudança seria possível de ser alcançada por meio de rearranjos do desenho urbano

BIBLIOGRAFIA

ALBERTO, K. C. **Formalizando o ensino superior na década de 1960**. A cidade universitária da UNB e seu projeto urbanístico. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ALVES, M. R. Cidade(s): novas espacialidades e territorialidades. **Pós**, São Paulo, v. 17, n. 28, p. 250-257, 2010.

ALVES, M. R. Cidade contemporânea: questões conceituais da conformação de sua espacialidade. **Revista Tópos**, v. 1, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2196>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

ALVES, M. R. **Notas de disciplina**: IAU5868 - Espaço, Lugar e Espacialidades da Cidade Contemporânea. São Carlos: [s.n.], 2014.

AMORIN, Edna Maria Jucá Couto. O consumo e a reestruturação das cidades médias brasileiras: perspectivas de estudos comparativos. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL RII, 13., 2014, Salvador. **Anais...** Salvador: [s.n.], 2014. p. 4-5.

BUFFA, E.; PINTO, G. D. A. **Arquitetura, urbanismo e educação**: campi universitários brasileiros. [S.l.]: [s.n.], 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Departamento de Desenvolvimento da Educação Superior. **Plano de Reestruturação e Expansão das IFES REUNI**. Brasília, DF, [2008]. Apresentação em pps. Disponível em: <<http://slideplayer.com.br/slide/1668464/>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Expansão da Educação Superior e Profissional e Tecnológica. **Mais formação e oportunidades para os brasileiros**. Brasília, DF, 2014. Disponível em:

MAHLER, Cristiane. **Territórios universitários**: tempos, espaços e formas. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015.

MUMFORD, L. **A cidade na história**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NASCIMENTO JUNIOR, Francisco das Chagas do. O fenômeno de expansão das instituições de ensino superior e o território brasileiro. **Revista Geografia**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 145-171, jan./jun. 2006.

RODRIGUES, L. A. F. **Universidade e a fantasia moderna**: a falácia de um modelo espacial único. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1997.

SEGAWA, Hugo. Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias e modernidades 1936-1962. **Revista de Urbanismo e Arquitetura**, Salvador, p. 38-47, 1999. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/viewFile/3133/2249>>. Acesso em: 10 set. 2015.

SILVA, F. L. Universidade, cidade, cidadania. In: LANNA, A. L. **Cidades universitárias**: patrimônio urbanístico e arquitetônico da USP. São Paulo: Ed. USP, 2005.

SILVA, Isabel Sánchez. Villanueva. Modernidade e trópico. *Vitruvius*, ano 4, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.043/624/pt>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

SOARES, B. **Palestra apresentada na Universidade Federal de Uberlândia, Seminário UFU em Expansão**. Monte Carmelo: Universidade Federal de Uberlândia, 2013.